LESBOCÍDIO: INFLUÊNCIAS, CONTEXTOS E IMPACTOS NA SAÚDE

Palavras-Chave: Lesbocídio; Saúde; Cuidado.

Autoria:

Analice Alves Santana Parizzi, Graduanda de Medicina - FCM

Profª. Drª. Juliana Luporini do Nascimento, Orientadora, Depto de Saúde Coletiva – FCM

Profª. Drª. Suane Felippe Soares, Coorientadora, Depto de Saúde Coletiva - FCM

1. INTRODUÇÃO:

O termo "lesbocídio", que denomina os assassinatos de lésbicas motivados por ódio à sua orientação sexual, remete a um fenômeno complexo e ainda pouco abordado na saúde pública. No entanto, os efeitos da lesbofobia se estendem para além da letalidade, afetando a saúde física e mental de mulheres lésbicas em diferentes contextos sociais, institucionais e geográficos.

Esta pesquisa compõe o projeto multicêntrico “Saberes e práticas que vêm das margens”, financiado pelo CNPq, e o recorte deste trabalho está centrado na população lésbica e nas formas como essas mulheres constroem práticas de sobrevivência e cuidado diante de um sistema que historicamente as silencia e marginaliza. Busca-se, assim, contribuir de forma original ao articular uma abordagem interseccional com uma estratégia metodológica que procura conciliar a identificação de padrões gerais com a escuta de experiências individuais, considerando os contextos de vulnerabilidade das participantes e respondendo a uma lacuna significativa na produção científica sobre o lesbocídio.

2. OBJETIVOS:

Objetivo Geral

Compreender e explorar as formas com que a população lésbica consegue criar mecanismos de resistência e práticas de cuidado em saúde mental e física como meios de sobrevivência coletiva às opressões, rejeições, ódios e negligências em diferentes contextos sociais, políticos, geográficos e culturais que (re)produzem violências contra mulheres lésbicas e compõem o ciclo da violência lesbocida no Brasil.

Objetivos Específicos

- Analisar o impacto de preconceitos e estereótipos degradantes na saúde e na qualidade de vida de mulheres lésbicas;
- Sugerir ações embasadas e planejadas para promoção da saúde da população LGBTQIAPN+ com enfoque nas lésbicas e na e prevenção dos lesbocídios;

- Contextualizar e caracterizar a existência lésbica enquanto transgressora do papel social imposto às mulheres historicamente em sociedades patriarcais a fim de entender como a questão se faz presente nos espaços de cuidado e sobrevivência lésbica;
- Refletir sobre as potenciais contribuições deste estudo em específico para as lésbicas negras a partir das questões político-sociais e raciais que perpassam a saúde das mesmas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL:

A fundamentação teórica desta pesquisa se apoia em autoras que colocam a experiência lésbica no centro da crítica às estruturas sociais que sustentam o sistema heterocisnormativo. Essas perspectivas problematizam a heterossexualidade compulsória, o apagamento das identidades dissidentes e a naturalização da violência contra corpos que rompem com a ordem de gênero hegemônica.

No Brasil, o Dossiê sobre lesbocídio (Peres et al., 2018) destaca a crescente visibilidade desses casos, com um aumento de 2 para 54 casos de assassinatos motivados por lesbofobia entre os anos 2000 e 2017: 2700% a mais. Essa porcentagem diz sobre os casos analisados pela pesquisa, uma vez que órgãos governamentais não fazem a coleta de dados sobre Lesbocídio. Destes, a maioria ocorreu em espaços públicos, foi praticada predominantemente por homens e apresenta forte subnotificação nos registros oficiais, evidenciando uma realidade marcada pela invisibilidade institucional. O dossiê aponta ainda padrões interseccionais, evidenciando que as vítimas são, majoritariamente, jovens negras, não feminilizadas ou que apresentam marcadores de vulnerabilidade social.

Além disso, o lesbocídio pode ser compreendido dentro do campo dos crimes de ódio, sendo um tipo específico de violência motivada pelo preconceito contra a existência lésbica e atravessada por outras formas de discriminação, como o racismo e a classe social. Crimes de ódio têm caráter simbólico e coletivo, pois não apenas atacam indivíduos, mas enviam uma mensagem intimidatória a grupos inteiros.

O lesbocídio é uma forma específica de feminicídio, marcada não só pela misoginia, mas também pela rejeição da sexualidade dissidente e da autonomia das mulheres lésbicas diante da norma heterossexual. Essa violência se manifesta também na invisibilidade social e institucional, especialmente quando interseccionada por racismo e outros fatores de exclusão, o que dificulta sua tipificação legal e a contabilização das vítimas nos registros oficiais. (Firmino, 2020)

Assim, é importante destacar que muitas dessas mortes acontecem em contextos de proximidade afetiva ou familiar, o que torna ainda mais complexa a visibilidade pública desses crimes e reforça a dimensão privada e institucional da violência contra mulheres lésbicas. (Peres et al., 2018)

Panorama e leituras iniciais da existência lésbica no patriarcado

A organização social, marcada por patriarcado, racismo e heterocisnormatividade, exclui ativamente as existências lésbicas, atravessando instituições, discursos e práticas sociais, e assumindo formas extremas de violência. Compreender o lesbocídio requer, portanto, situar a sexualidade lésbica não apenas como uma orientação sexual, mas como uma ruptura política com os modelos normativos de sexualidade e família.

A heterossexualidade opera como regime político que regula desejos femininos e socializa mulheres para a submissão. Este é o conceito de heterossexualidade compulsória, formulado por Adrienne Rich (2010), que é facilitado pela existência de um "pensamento straight" proposto pela Monique Wittig (2006) enquanto estrutura de pensamento que considera a heterossexualidade como norma natural. Nesse contexto, o binário é reforçado enquanto padrão de gênero, sexualidade e sociedade de modo universal e complementar, ou seja, a própria categoria de "mulher" é construída dentro de uma estrutura que a define sempre em relação ao homem. Esta reflexão é central para o entendimento da lésbica enquanto personificação de uma ruptura ontológica com a heterossexualidade obrigatória.

Para mulheres negras lésbicas, a existência é por si só prática política e resistência à intersecção entre racismo, sexismo e homofobia. Sua negação a desempenhar papéis subordinados produz formas de existência que desafiam o sistema em sua totalidade, afirmam Cheryl Clarke (2011) e Combahee River Collective (2017). Barbara Smith (1983) reforça essa crítica ao destacar que o feminismo negro lésbico já articulava, antes mesmo do termo "interseccionalidade", a consubstancialidade das opressões.

Audre Lorde (2009) mostra como práticas afetivas e corporais também são formas de resistência. Ao resgatar o erotismo como uma fonte legítima de poder e sabedoria, Lorde desafia a lógica patriarcal que reduz o desejo feminino à submissão ou à invisibilidade. Para ela, o erotismo é uma força vital que conecta as mulheres consigo mesmas e com outras, permitindo escolhas mais autênticas e relações que não se baseiam em dominação. Essa concepção amplia a noção de resistência para além da denúncia e da luta direta, incorporando o cuidado, o prazer e a criação de laços entre mulheres como práticas políticas transformadoras. Quando os vínculos são deslegitimados, como nas experiências lésbicas, o erotismo proposto por Lorde atua na reconstrução subjetiva e autonomia, desafiando o silenciamento.

Entender o lesbocídio a partir dessas autoras significa reconhecer que ele não é fruto de ações individuais ou desvios morais, mas expressão de uma estrutura social que pune a dissidência afetiva e sexual. A formulação do termo por Diana Russell e Ruthann Robson (1992) ajuda a nomear essa violência extrema e sistêmica, ampliando o debate sobre feminicídio para abarcar as mortes motivadas pela lesbofobia.

Ao lado dessa crítica, a pesquisa se ancora em abordagens que valorizam os saberes produzidos a partir das margens. A Epistemologia do Sul (Santos; Meneses, 2010) e a Saúde Coletiva crítica (Ayres, 2009) oferecem lentes para perceber as estratégias de resistência e cuidado que emergem justamente

onde a exclusão é mais intensa. Redes de apoio, práticas de autocuidado, escuta entre pares e produção de afeto configuram formas de cuidado que escapam ao modelo biomédico e estatal, mas que sustentam a vida. Nesse sentido, o estudo busca não apenas analisar o lesbocídio enquanto expressão máxima da violência, mas também mapear os modos de resistência que lhe fazem frente. Afinal, muitas vezes é da escuta e do vínculo entre mulheres que surgem caminhos de cuidado, reconstrução e reexistência.

4. METODOLOGIA:

A pesquisa é qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, estruturada como um estudo de casos múltiplos. Essa abordagem permite compreender relações, valores e percepções atribuídos pelas participantes às suas vivências (Minayo, 2014).

Foi realizada uma revisão inicial da literatura sobre lesbocídio, violências contra lésbicas e seus efeitos na saúde, a fim de oferecer um panorama para contextualizar os casos analisados, sem a pretensão de esgotar o tema. O instrumento de coleta foi um formulário online, com escala Likert (1 a 5) e perguntas abertas. A escolha buscou garantir conforto, autonomia e anonimato, além de ampliar o alcance da participação. As respostas abertas serão analisadas com base em princípios da análise temática, buscando a familiarização e reflexão com os relatos para agrupá-los em eixos que revelem como se articulam vivências de violência e cuidado das participantes (Braun & Clarke, 2006).

O estudo parte da compreensão de que o lesbocídio não pode ser reduzido a casos isolados, mas deve ser entendido como expressão de uma lógica histórica e estrutural de apagamento, controle e eliminação das vidas lésbicas. Como aponta Minayo (2006), “a violência não é uma, é múltipla” e, além de envolver disputas de força e poder, ela assume diferentes formas conforme o tempo, o lugar e os valores de uma sociedade. Ao acessar os sentidos atribuídos pelas participantes às violências vividas e às práticas de cuidado, a pesquisa busca compreender como essas dimensões se articulam no cotidiano de mulheres lésbicas.

Já os dados obtidos por meio das escalas (Likert) serão analisados com estatística descritiva simples, a partir da observação de frequências e percentuais. O objetivo é oferecer um panorama geral das respostas, sem recorrer a análises mais complexas, a fim de contextualizar os dados qualitativos.

Essa combinação entre análise qualitativa e descrição quantitativa busca articular profundidade e síntese, permitindo um olhar mais amplo e sensível ao fenômeno estudado, respeitando os limites metodológicos da pesquisa e seu caráter exploratório. Todos os procedimentos da pesquisa estão sendo conduzidos com base nos princípios éticos previstos nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012 e nº 510/2016, e atualizações, com submissão ao Comitê de Ética da Unicamp.

5. RESULTADOS ESPERADOS E RELEVÂNCIA SOCIAL:

Espera-se que a pesquisa contribua para ampliar a compreensão sobre algumas dimensões relevantes da realidade vivida por mulheres lésbicas, especialmente no que se refere à relação com a

saúde e à experiência de violências. Busca-se identificar lacunas nos serviços de saúde e formas de cuidado criadas em redes autônomas e afetivas.

Pretende-se compreender como a violência lesbocida se manifesta de forma invisibilizada, pela ausência de dados e falhas nas políticas públicas. A partir dos relatos, espera-se levantar indícios sobre práticas cotidianas de enfrentamento e acolhimento destas mulheres que possam inspirar ações mais sensíveis e conectadas às vivências reais delas.

Mais do que oferecer respostas fechadas, a pesquisa tem como intenção principal abrir espaço para perguntas importantes, trazendo contribuições iniciais para reflexões na área da saúde coletiva e dos direitos humanos. Mesmo em escala limitada, espera-se que os resultados dialoguem com políticas públicas voltadas à diversidade sexual, especialmente às necessidades de lésbicas negras e periféricas, valorizando a promoção da saúde e o direito à vida..

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O lesbocídio, enquanto resultado de um ciclo de violências sociais, exige enfrentamento ético, político e científico. Esta pesquisa propõe deslocar o olhar da mera denúncia para a construção de caminhos concretos de cuidado e resistência. Ao reconhecer as lésbicas como produtoras de saberes e tecnologias de sobrevivência, o trabalho se alinha a uma perspectiva crítica de saúde coletiva, comprometida com a justiça social e com o reconhecimento das vidas que resistem nas margens.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

AYRES, João Romildo. Saúde coletiva crítica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

CLARKE, Cheryl. *Living as a Lesbian*. New York: The Crossing Press, 2011.

GRAHAM, Dee et al. *The Trauma Bond: Attachment in Abusive Relationships*. New York: Springer Publishing, 1994.

LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. Berkeley: Crossing Press, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. In: BAGOAS, n. 5, 2010. p. 17-44. Natal, 2010.

RUSSELL, Diana E. H.; ROBSON, Ruthann. Legal Lesbicide. In: RUSSELL, Diana E. H. *Femicide: The politics of woman killing*. New York: Twayne Publishers, 2010. p. 164-177.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SMITH, Barbara. *The Combahee River Collective Statement*. 1983. Disponível em: https://americanstudies.yale.edu/sites/default/files/files/resource_uploads/Combahee_River_Collective_Statement.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

WITTIG, Monique. *O pensamento straight e outros ensaios*. Madrid: Editorial Egales, 2006.

ARTIGOS E DISSERTAÇÕES

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. *Using thematic analysis in psychology*. Qualitative Research in Psychology, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa. Acesso em: 15 jun. 2025.

FIRMINO, Camila Rocha. *Os dados governamentais e a violência letal contra lésbicas no Brasil*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 1, e63222, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felippe; DIAS, Maria Clara Marques. *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil (2014-2017)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agência Patrícia Galvão, 2018. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.